

## Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (\*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

**Innocent Assogba** (Benim)  
**Alan Benjamin** (Estados Unidos)  
**Colia Clarke** (Estados Unidos)  
**Constantin Cretan** (Roménia)  
**Berthony Dupont** (Haiti)  
**Ney Ferreira** (Brasil)  
**Daniel Gluckstein** (França)  
**Rubina Jamil** (Paquistão)  
**Apo Leung** (China)  
**Gloria Gracida** (México)  
**M. A. Patil** (Índia)  
**Mandlenkosi Phangwa** (Azânia)  
**Klaus Schüller** (Alemanha)  
**Jung Sikhwa** (Coreia)  
**John Sweeney** (Grã-Bretanha)  
**Mark Vassilev** (Rússia)  
**Nambiath Vasudevan** (Índia)

(\*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

## PAQUISTÃO

### Fim da Invasão Americana do Afeganistão

**Publicamos, a título de documento, a seguinte contribuição da secção paquistanesa da IVª Internacional (CORQI) sobre a situação no Afeganistão**

Ao fim de 20 anos de ocupação e de 2 biliões de dólares, o Afeganistão regressa à casa de partida: ao mando dos talibãs. Nunca antes os talibãs haviam conseguido apoderar-se de todo o território do Afeganistão. Conseguem-no agora, até, dos bastiões da Aliança do Norte. A associação à ocupação americana deixou a Aliança do Norte mais fraca do que era há duas décadas.

Se o objectivo da invasão do Afeganistão tivesse sido apanhar e punir os autores do 11 de Setembro de 2001, a ocupação poderia ter acabado sem problemas há dez anos, quando o exército americano matou Osama Bin Laden na cidade paquistanesa de Abbotabad. Uma explicação plausível para a continuação da ocupação por mais dez anos é a importância geostratégica do país para poder apertar a Rússia e a China nos seus confins mais vulneráveis. Só que, se era esse o objectivo, porque decidiram os EUA agora limitar os estragos e bater em retirada com tanta pressa?

Por muito que se queira, tentar encontrar explicação razoável para esta ocupação deixa qualquer um perplexo. O que, sim, se pode dizer é que ela é uma ilustração perfeita da natureza completamente destrutiva do moderno imperialismo capitalista.

Estão completamente enganados aqueles que, no Ocidente, acham que os talibãs de alguma forma representam um movimento de libertação nacional anti-imperialista. Os talibãs são compostos pelos mesmos elementos tribais, reaccionários e contra-revolucionários que foram atizados contra a revolução de Saur [o golpe de Estado que instaurou o regime pró-so-

viético em 1978].

Embora genericamente conhecidos como *mujahidin*, estes nunca foram verdadeiramente um grupo unificado. *Mujahidin* é simplesmente uma etiqueta colada a sete organizações jihadistas diferentes. Estes grupos de *mujahidin* não só tinham entre si diferenças religiosas e doutrinárias como laços financeiros com potências, estrangeiras ou limítrofes, diferentes. Assim se explica a guerra civil que rebentou após a queda do governo [pró-soviético] de Najibullah.

Pegue-se-lhe por onde se pegar, o conflito entre os talibãs e a Aliança do Norte não é, por conseguinte, reflexo do conflito entre libertação nacional e imperialismo. Nem entre forças progressistas e reaccionárias. Uns e outros são feitos da mesma massa. Pelo acordo de Doha, os talibãs chegaram ao seguinte entendimento com os Estados Unidos: estes sairiam do país na condição de os talibãs não atentarem contra os interesses vitais dos americanos na região. Na primeira conferência de imprensa que fizeram depois de tomarem o poder, os talibãs declararam-se abertos a investimentos estrangeiros e americanos no Afeganistão.

Outro factor significativo da tomada do Afeganistão pelos talibãs é a visão que o exército paquistanês tem dos reptos militares que enfrenta. O exército do Paquistão sempre teve a concepção de que a única ameaça existencial séria ao país provém da vizinha Índia. Desde 1971, ano em que o Paquistão Oriental passou a ser o Bangladesh independente, essa concepção só tem saído ainda mais reforçada. Desde o dia da independência do próprio Paquistão e, especialmente, desde 1971, o

exército paquistanês tem-se colocado sempre na posição de ser o defensor não só das fronteiras do Paquistão, mas até das suas “fronteiras ideológicas”. Foi este “imperativo superior” que deu naquilo a que os progressistas chamam o “Estado securitário” do Paquistão

O exército paquistanês sempre considerou o Afeganistão como retaguarda estratégica. Tem-se imiscuído nos assuntos internos do Afeganistão desde os anos setenta, no intuito de conseguir implantar um regime “amigo do Paquistão”, de modo que, caso eclodisse a “inevitável” guerra com a Índia, o exército tivesse uma área de retirada estratégica. Por isso o governo paquistanês começou a dar apoio a radicais islâmicos muito antes da revolução de Saur. A relação entre o exército paquistanês e os radicais islâmicos do Afeganistão remonta a meio século.

Islamabad vê, pois, na vitória dos talibãs uma vitória das forças pró-paquistanesas do Afeganistão: a “Aliança do Norte, pró-indiana”, derrotada; os “talibãs, pró-paquistaneses”, vitoriosos. Que mais não

seja por isso, não podemos considerar, nem deve o mundo considerar a vitória dos talibãs como a vitória de um movimento de libertação nacional progressista. Os talibãs são capazes de envergar uma fatiota, sobejamente conhecida, de regime internamente teocrático e reacionário e externamente aliado dos Estados Unidos (como a Arábia Saudita). Com toda a probabilidade, é o que farão.

Para os povos do Afeganistão e do Paquistão, esta mudança significa que a nossa luta por um futuro progressista sofre mais um duro golpe. A vitória dos talibãs no Afeganistão não só animou os partidos religiosos do Paquistão, como incutiu esperança nos *Tehreek-e-Taliban Pakistan*, que há uma década travam uma destruidora guerra interna no Paquistão, que já custou cerca de 80 mil vidas e milhões de refugiados das operações militares maciças nas regiões tribais do Norte.

A longo prazo, porém, só as forças progressistas do Paquistão e do Afeganistão poderão vencer estes reacionários. Não há ajuda,

socorro ou ocupação externa que possam fazer seja o que for por esta luta ingrata, bem pelo contrário. Mais: os apelos à reocupação do Afeganistão, para, alegadamente, “salvar” as mulheres e as minorias, não são só ingénuos e despropostos; são profundamente ridículos. Tais narrativas, que só podem ser vistas como imperialismo disfarçado de humanitarismo, têm feito estragos que cheguem.

Em conclusão, a imagem de afegãos a agarrarem-se desesperados aos aviões na esperança de escaparem aos talibãs ficarão para sempre gravadas nas memórias dos povos desta região como o fim ignóbil desta ocupação. E a maneira como depois se despenharam dos céus é o símbolo das falsas esperanças que o imperialismo capitalista sempre cria e sempre trai.

O futuro do Afeganistão e do Paquistão só poderá ser determinado pelos povos dos nossos países respectivos. Contamos com a vossa solidariedade nessa luta. Mas é a nossa luta. A história está do nosso lado e a vitória é inevitável. ■